



Universidade de Brasília – UnB
Decanato de Ensino de Graduação
Universidade Aberta do Brasil - UAB
Instituto de Artes - IDA
Departamento de Música
Curso de Licenciatura em Música à Distância

APRENDER A TOCAR VIOLÃO: Estudo e prática formal e informal

Marcelo de Assis Felipe

Anápolis - GO

2014

MARCELO DE ASSIS FELIPE

APRENDER A TOCAR VIOLÃO: Estudo e prática formal e informal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Música na Universidade de Brasília.

Orientadora: Dr^a Teresa Mateiro

Anápolis - GO
2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os músicos e professores, em especial aos violonistas: Mestre Gamela e Rogério Hilário que marcaram sua passagem entre nós!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e da música, aos meus pais e familiares pelo carinho e compreensão durante minha trajetória musical, aos irmãos de música: Alfredo, Júnior e Werley pela ajuda, incentivo e algumas picaretagens! À Patrícia e família Alexandre pela cumplicidade e os bons momentos vividos, Muth pelas aulas de música e vida! Aos colegas de curso: Ana pelos risos, Ronan pela descontração, Jesus pela seriedade, Manoel pela paciência, Conceição pela alegria, Wallace e Willian pela competência, Fábio e Genaldo pela parceria de sempre e pelo o trabalho que me deram durante esses quatro anos! Kim e Julielle apesar do pouco tempo juntos foi bom conhecer vocês, Lorna e Carlos pela disposição em estudar, Flávia pelo seu comprometimento com o ensino musical. Aos funcionários do polo Anápolis: Eduardo Veronezzi e seu Jorge pela paciência, Marli pelo carinho, educação, cafés e mimos! Aos tutores Regina Galante e Eduardo Barbaresco por estarem sempre dispostos a nos auxiliar no que foi possível no decorrer do nosso curso, aos diretores, professores e coordenadores da UnB: Paulo Marins, Roberta Assunção, Uliana Ferlim, Simone Lacorte, por estarem sempre abertos ao diálogo e solucionar nossos problemas. Cristina Grossi pela simplicidade e enorme conhecimento, Júlio Freitas pelo papo cabeça! Teresa Mateiro por me acolher com tanta dedicação e competência para a realização desse trabalho. Enfim, a todos aqui citados meu profundo respeito, agradecimento e admiração.

“Ensinar é mostrar que é possível, aprender é tornar possível a si mesmo”.
(autor desconhecido)

Resumo

A presente pesquisa teve origem na busca pelo entendimento dos processos de aprendizagem do violão fora do contexto escolar e dentro dele, quais os procedimentos e escolhas adotados por uma pessoa que começa a tocar violão sem ter frequentado aulas desse instrumento, quais os principais fatores que influenciam esse aprendizado aqui denominado como processo de aprendizado informal. Em segunda instância são abordados os fatores que levam esse mesmo aluno pela busca do ensino formal, com regularidade e sistematização em um ambiente escolar musical. O estudo teve abordagem qualitativa, pois centrou-se na investigação de um aluno de violão, destacando a sua trajetória com a música e suas escolhas para aprender a tocar o instrumento. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada. O roteiro da entrevista consistia de perguntas sobre como a música se configura na vida do aluno, como se deu seus primeiros contatos com o instrumento, sua forma de estudo dentro do processo formal e informal. A entrevista foi transcrita e os dados foram analisados á luz dos temas centrais: Como o estudo e a prática formal e informal do violão se justapõe e se complementam, qual a influência e contribuição de amigos e familiares no desenvolvimento musical do aluno. Os dados sinalizaram como os processos formais e informais são tratados pelos autores e pelo aluno entrevistado. Como estes se relacionam e se complementam, com o intuito de realizar um ensino e aprendizado que se justapõe a contemporaneidade sem perder a qualidade e o prazer do fazer musical. Como resultados apontam-se três fatores essenciais para a busca do aprendizado do violão: a socialização, a influência de pessoas próximas e o acesso ao instrumento.

Palavras-chave: Formal; informal, violão, prática musical.

Abstract:

This research originated in the search for understanding of the processes of learning the acoustic guitar outside of school and inside it, which procedures and choices adopted by a person who begins to play acoustic guitar without having attended lectures of this instrument, which are the main factors influencing this learning here termed as informal learning. On appeal examines the factors driving this same student for the pursuit of formal education with regularity and systematization in a music school. The study had a qualitative approach because it focused on the investigation of an acoustic guitar student, highlighting his path with his song choices and to learn how to play the instrument. Data were collected through semi-structured interviews. The interview consisted of questions about how music is represented as the student's life, how was your first contact with the instrument, a form of study within the formal and informal process. The interview was transcribed and the data were analyzed in the light of the central issues: How the study and practice of formal and informal acoustic guitar is juxtaposed and complemented, the influence and contribution of family and friends in the musical development of students. The data signaled as the formal and informal processes are treated by the authors and the student respondent. How they relate and complement each other, in order to conduct a teaching and learning which juxtapose contemporaneity without losing the quality and pleasure of music making. The results suggest there are three key factors for the pursuit of learning guitar: socialization, the influence of people nearby and the access to the instrument.

Keywords: Formal; informal; acoustic guitar; musical practice.

SUMÁRIO

1. Introdução	09
1.1 Informal e formal.....	10
1.2 Características e conceitos.....	11
1.3 O papel do professor no ensino informal e formal.....	11
1.4 Formal e informal, alguns conflitos.....	13
2. Revisão bibliográfica	14
3. Metodologia	16
4. Aprendendo a tocar violão: a história de Luciano	18
4.1 Os primeiros contatos e influências.....	18
4.2 O estudo e a prática informal.....	19
4.3 O que tocar e como tocar.....	20
4.4 A procura por um professor.....	21
5. Considerações finais	23
6. Referências	25

1. INTRODUÇÃO

Por ser um dos mais populares, senão o mais entre os instrumentos musicais, o violão se encontra em diversas formações: duo, trio, bandas, como instrumento acompanhante ou solista, onde essa versatilidade desperta um grande interesse em seu aprendizado. A presente pesquisa teve como objetivo principal investigar e entender como o estudo e a prática musical informal do violão, se articulam com o estudo e a prática formal, sob a ótica do aluno entrevistado e de que forma se complementam. E, em segundo plano, compreender: qual a contribuição e influência familiar no desenvolvimento musical do aluno, como a prática musical se configura em sua vida, os motivos pela busca do ensino formal de música sob orientação de professor especializado no instrumento violão, e ainda, analisar de que forma o ensino e a prática formal de música complementa a prática informal.

Para justificar tais procedimentos, foram investigados os motivos que levam o aluno pela busca do estudo formal para saber qual a importância de uma educação musical em uma instituição de ensino com regularidade na condução de suas atividades, sob a ótica do sujeito da pesquisa. Young (1977 apud Feichas, 2007) diz que o “processo formal implica também numa escolha e sistematização de conteúdos legitimados pela escola e que, normalmente, são transmitidos de forma gradativa, ou seja, do simples ao complexo”. O autor destaca, ainda, a importância da organização desses procedimentos e sua logística, sendo que a música é um meio ou ferramenta para o desenvolvimento da criatividade humana, bem como da sensibilidade.

Sendo assim, são identificados os procedimentos do ensino musical formal como: plano de estudo, conhecimento de partituras e notação musical, técnicas de execução específicas para violão, teoria complementar, solfejo, leitura métrica, etc. Da mesma forma, compreende-se como esses procedimentos podem contribuir para o desenvolvimento e formação musical do aluno, sendo que este já traz consigo elementos musicais adquiridos através de sua prática musical informal, por meios de outros agentes, tendo como o principal meio de aprendizado a imitação e a percepção auditiva.

A imitação no sentido do aluno recorrer a um colega ou professor através de vídeo ou presencialmente, onde o aprendizado é feito através da transmissão prática da execução de: notas, solos, frases, e acordes entre as partes envolvidas, sendo que o referido colega/professor demonstra tais procedimentos e o aluno os executa através da imitação, sem

a preocupação ou comprometimento de relacioná-los aos elementos técnicos ou teóricos pertinentes a cada tópico a ser executado. Além disso a imitação está ligada ao ouvido musical que tem como referência o termo “tirar de ouvido,” onde a ferramenta principal é a execução e repetição da composição musical ou trecho dela, através da audição prévia da mesma e, conseqüentemente, sua reprodução por meio do instrumento musical. Green (2010) ressalta que um aspecto fundamental de toda a aprendizagem formal e informal é a “imersão na música e nas práticas musicais do meio ambiente natural do indivíduo”. Gohn (2009) define educação não formal como processos de ensino e aprendizagem que têm sua origem a partir da experiência prática e que, usualmente, não são codificados em sistemas curriculares oficializados.

A educação não formal não deve ser vista, em hipótese alguma como algum tipo de proposta contra ou alternativa à educação formal, escolar. Ela não deve ser definida pelo o que não é, mas sim pelo o que ela é – um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos. (GOHN, 2009, p. 32).

Esta pesquisa aborda conceitos e procedimentos de ensino e aprendizado do violão dentro e fora do ambiente de escolas livres de música, observando que escolhas e processos o aluno adota para esse aprendizado procurando relacionar e compreender os diferentes aspectos, metodologias e aquisição de conhecimentos e competências musicais. Entretanto, a intenção não é discutir ou questionar em grau comparativo qual procedimento venha ser o melhor, mas sim somando-os para que esse ensino em diferentes contextos e situações, possa se relacionar e se complementar.

1.1 Informal e formal

Esse tema tem sido de interesse de vários pesquisadores como: Arroyo (2003); Green (2010); Feichas (2007); Gohn (2009). Encontram-se diferentes terminologias para se referir a essas modalidades de ensino formal e informal: clássico, não formal, popular, misto, intencional etc. Esses termos são utilizados nas práticas educativas musicais para referendar o aprendizado fora e dentro do ambiente escolar musical.

O termo "Educação Musical" abrange muito mais do que a iniciação musical formal, isto é, é educação musical aquela introdução ao estudo formal da música e todo o processo acadêmico que o segue, incluindo a graduação e pós-graduação; é educação musical o ensino e aprendizagem instrumental e outros focos; é educação musical o ensino e aprendizagem informal de música. Desse modo, o termo abrange todas as situações que envolvam ensino e/ou aprendizagem de música, seja no âmbito dos sistemas escolares e acadêmicos, seja fora deles. (ARROYO, 2003).

1.2 Características e conceitos

Diante de variadas terminologias entre autores para a definição do que é formal e informal em educação musical, veremos alguns significados que estes autores utilizam para identificar esses dois processos.

Em suas afirmações quanto ao ensino musical formal, Arroyo (2003) o define como: escolar, oficial ou dotado de uma organização. E com referência ao informal, também denominado de “não formal”, a autora o considera como um ensino musical extraescolar, não oficial, sendo que este tipo de aprendizado pode ser concebido em situações cotidianas dos envolvidos.

Sobre essas duas dimensões, Libâneo (2006) discorre que a educação formal é aquela: organizada, estruturada, sistematizada, planejada intencionalmente, ao qual a define como educação “intencional”, sendo a escola o exemplo típico dessa prática de ensino. E para o termo informal, o autor o denomina como educação “não intencional ou paralela”, essa com características de intencionalidade mas com pouca ou nenhuma estrutura e sistematização, observando as experiências e vivências cotidianas dos indivíduos onde ocorre a interação pedagógica, mas que não estão formalizadas. Feichas (2007) em sua pesquisa sobre os processos de aprendizagem formal e informal, denomina de forma direta o ensino formal como “clássico” e informal como “popular”, além disso, a autora aborda a terminologia “mista” como sendo um paralelo entre as duas modalidades, se referindo aqueles que receberam ambas as formações, trazendo consigo tendências mais formais ou informais em seu aprendizado.

Pode-se perceber nas afirmações citadas anteriormente, alguns significados que os autores utilizam dentro da educação musical para os termos formal e informal, em suma esses dois processos estão relacionados ao estudo e prática musical dentro e fora do ambiente escolar respectivamente. A fim de um melhor entendimento, utilizarei apenas os termos formal e informal para representar esses dois ambientes, utilizando os conceitos desenvolvidos por Libâneo (2006).

1.3 O papel do professor no ensino informal e formal

Nos relatos anteriores observamos que o termo informal está vinculado a uma educação musical baseada na vivência e experiência cotidiana dos envolvidos. A proximidade com familiares, colegas, vizinhos, grupos musicais, proporcionam a oportunidade de se

relacionar com elementos básicos para o desenvolvimento musical, estes quando estão tocando podem estimular e influenciar seu ouvinte na escolha do instrumento para sua iniciação musical. “Além de tocar violão, estas pessoas próximas aos entrevistados, se colocaram a disposição para mostrar alguma informação referente ao instrumento como acordes e ritmos, estimulando os interessados a aprofundar seu aprendizado”. (RODRIGUES, 2007, p. 46).

Após esses estímulos quanto à aquisição do instrumento para a sua prática, o aluno recebe suas primeiras instruções através de seus pares de como proceder perante o violão, onde Green afirma: “O papel do professor (ou outro instrutor) talvez seja o aspecto mais interessante e também o mais desafiador do modelo de aprendizagem informal. O papel exato do professor é difícil de se colocar em palavras, e varia dependendo do contexto e da personalidade dos indivíduos envolvidos” (GREEN, 2010, p.1).

Com essas afirmações observa-se que o aprendizado informal se dá de modo mais livre, onde o aluno formula seus conceitos musicais de acordo com as informações ao qual este está exposto, através de agentes e meios de seu convívio diário. “A educação não formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Seus programas, quando formulados, podem ter duração variável, a categoria espaço, é tão importante quanto a categoria tempo, pois o tempo da aprendizagem é flexível, respeitando-se diferenças biológicas, culturais e históricas” (GADOTTI, 2005, apud GOHN, 2009, p. 32).

Em contrapartida temos o papel do professor dentro do processo formal, como o articulador dos conhecimentos técnicos e teóricos pertinentes ao ensino do violão. Este é o responsável por expor os conteúdos e atividades de acordo com um programa específico e sistematizado, sendo assim, a afirmação seguinte reforça tais informações: “O processo formal implica também numa escolha e sistematização de conteúdos legitimados pela escola e que normalmente são transmitidos de forma gradativa, ou seja, do simples ao complexo”. (FEICHAS, 2007, p.3).

Segundo Libâneo (2006), o professor administra e controla como serão abordados e transmitidos os conteúdos didáticos, levando em conta as instruções que sejam efetivas e eficientes em termos de resultados dentro da aprendizagem, e nesse contexto o aluno se porta de modo passivo, sendo um agente não participante na elaboração do programa e conteúdos educacionais. Também relata que: “há um professor que intervém, não para se opor aos desejos e necessidades ou à liberdade e autonomia do aluno, mas para ajudá-lo a ultrapassar suas necessidades e criar outras, para ganhar autonomia, para ajudá-lo no seu esforço de

distinguir a verdade do erro, para ajudá-lo a compreender as realidades sociais e sua própria experiência”. (LIBÂNEO, 2006, p.37).

1.4 Formal e informal: alguns conflitos

Dentro desses dois processos encontram-se divergências nas práticas educativas, onde o sistema formal foca mais nas questões teóricas e técnicas, dando ênfase à notação musical, leitura e escrita de partitura/tablatatura, coordenação motora, etc. De acordo com Feichas (2007), o excesso em dominar tais procedimentos traz para o aluno uma atitude individualista. “Além disso, os assuntos estudados como percepção musical, harmonia, história da música, análise musical, dentre outros, tendem a ser fragmentados e compartimentalizados sem levar em conta as experiências dos alunos e conseqüentemente estarão desconectados da vida musical fora dos portões da escola” (FEICHAS, 2007, p. 3).

No ambiente informal ocorre o oposto, os alunos são considerados como possuidores de pouco ou nenhum conhecimento musical. Estes não são instruídos dentro da organização e sistematização tradicional no ensino da música, onde o aprendizado tende a ser mais coletivo, e desenvolvido conforme as suas necessidades e motivações. “Na verdade surge um conflito para os “populares” na medida em que eles lutam para se adaptarem à nova forma de aquisição de técnica instrumental já que estavam habituados a formas mais intuitivas” (FEICHAS, 2007). A autora ainda relata certo complexo de inferioridade por parte dos estudantes informais em relação aos conhecimentos e tradições encontrados dentro da escola de música [formal]. Com isso os conhecimentos adquiridos anteriormente ao longo de sua trajetória, acabam sendo ignorados ou desvalorizados, como afirma Gohn:

A educação não formal não deve ser vista, em hipótese alguma como algum tipo de proposta contra ou alternativa à educação formal, escolar. Ela não deve ser definida pelo o que não é, mas sim pelo o que ela é um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos (GOHN, 2009, p. 32).

A princípio as divergências aqui mencionadas estão ligadas às duas formas distintas do aprender e fazer musical, entretanto, deve-se rever os conceitos que delimitam cada situação. A junção desses dois processos seria a soma dos conhecimentos intuitivos advindos do processo informal com as habilidades e procedimentos exigidos pelo processo formal. A renovação das estratégias de ensino é, portanto, um ponto fundamental para a interação do ensino formal e informal. De acordo com Feichas (2007) “esses modelos antigos devem ser questionados e reformulados para novos modelos que favoreçam a construção de “pontes”

entre os saberes prévios dos alunos e os novos saberes a serem adquiridos na escola” (FEICHAS, 2007, p. 3).

2 . REVISÃO BILIOGRÁFICA

A revisão de literatura para essa pesquisa se refere ao ensino formal musical, com relatos gerais desse processo de aprendizado e contrapondo-o quando necessário ao ensino informal, com foco direcionado ao estudo e prática informal e formal do violão, relatando como essas duas modalidades se complementam. O ponto de partida da pesquisa de Rodrigues (2007) foi a entrevista com alunos de violão que participaram dos dois processos mencionados. Dentro do aprendizado informal o autor relata que o aluno tem seus primeiros contatos com a música através de pessoas de seu cotidiano, colegas, vizinhos, bandas e até mesmo professores não específicos no instrumento (violão). Tirar músicas de ouvido, utilização de cifras, revistas, vídeos e internet, também são meios facilitadores utilizados no processo informal, além do que o violão é considerado um instrumento popular de vasta amplitude, pois sua utilização pode ser inserida em formações musicais variadas como duos, trios, instrumento acompanhante ou solista, e também por ser bastante acessível economicamente. Green (2010) se refere às orientações musicais dadas por um “professor informal”, como sendo o desprendimento dos conceitos formais do ensino musical, observação e distanciamento com o propósito de auxiliar os estudantes a alcançarem seus objetivos que estes mesmos traçaram, também retrata o aprendizado do próprio professor a partir de indagações de seus alunos. Arroyo engloba esses dois processos como sendo partes reais da educação musical, “é educação musical aquela introdução ao estudo formal da música e todo o processo acadêmico que o segue, incluindo a graduação e pós-graduação; é educação musical o ensino e aprendizagem instrumental e outros focos; é educação musical o ensino e aprendizagem informal de música” (ARROYO, 2003, p.18). Dessa maneira o termo abrange várias situações de ensino e aprendizado musical, seja na esfera dos sistemas escolares ou fora dela.

A pesquisa revela através dos alunos entrevistados sua transição do ensino informal para o formal ao qual Feichas (2007, p. 2) define como ensino e aprendizagem mista, se referindo a alunos que tiveram ambas as formações com tendências mais formais ou

informais. Também quais suas necessidades e motivações para essa busca, como a música é ensinada dentro da escola e a realidade fora dela, vantagens e desvantagens do aprendizado formal e informal foram pontos norteadores da pesquisa. Nesse pensamento a autora descreve que mesmo havendo diferenças entre esses dois mundos, é possível a integração de ambos relatando em sua pesquisa as ações dos alunos “mistos”:

... estudaram música formalmente e tiveram experiências de aprendizado informal através da prática de música popular. O grupo misto-popular em particular demonstrou um equilíbrio entre as práticas de ambos os lados enquanto que o grupo misto-clássico tendeu a abandonar algumas das experiências informais a fim de absorver as demandas do aprendizado formal. (FEICHAS, 2007, p. 4).

Com isso se observa o enlace entre o ensino e aprendizado formal e informal, onde é relatado a prática musical informal tendo essa uma relação profunda com a música popular, onde a autora nos dá a entender as possíveis divergências e conflitos entre clássico e popular ou formal e informal. Libâneo (2006) conceitua como ensino formal, a pedagogia tradicional escolar, onde o autor afirma que essa se caracteriza por acentuar o ensino humanístico, no qual o aluno é instruído para atingir pelo próprio esforço sua realização pessoal.

“Os conteúdos, os procedimentos didáticos, a relação professor-aluno não têm nenhuma relação com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais. É a predominância da palavra do professor, das regras impostas, do cultivo exclusivamente intelectual” (LIBÂNEO, 2006, p.7).

Em contra partida o autor relata que o aprendizado é um processo interno e não externo, ele parte da necessidade e interesse individual para a adaptação ao meio. Isso demonstra os anseios e perspectivas que o aluno tem em relação ao seu aprendizado, a busca por conhecimento parte do próprio aluno, onde este sente a necessidade de novos caminhos que irão agregar valores a sua educação musical. Além disso, o autor menciona a necessidade da renovação no sistema de ensino, com uma proposta que valorize o aluno como sendo o sujeito do conhecimento, com um ensino centrado no mesmo e no grupo.

Para Gohn (2009), a educação musical informal é aquela que ocorre em ambiente extramuros escolares, onde a música de acordo com suas características se define como uma linguagem universal, tendo um grande poder atrativo em todas as faixas etárias. Devido a isso a prática informal gera a princípio um maior bem estar ao aluno, por não ser tão burocrática e sistematizada, onde o aluno por si só desenvolve potencialidades necessárias para a resolução de seus problemas cotidianos.

a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos

fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor.(GOHN, 2009,p.31).

Alguns dados revelam a importância dos professores durante a trajetória musical do aluno, Swanwick (1993) relata os resultados positivos quando o aluno realiza experimentos musicais dentro de um programa de trabalho bem estruturado. “isso é especialmente assim quando envolve professores empenhados e experientes” (SWANWICK, 1993, p.20) ressaltando a importância do papel do professor e suas qualificações na condução das atividades musicais de seus alunos. Em sua pesquisa o autor tem como título: permanecendo fiel à música, relatando como professor e aluno procedem nos processos formal e informal de aprendizado, ele define o aprendizado informal como intuitivo, fora das formalidades do ambiente escolar. Ainda declara:

Se a música está viva e bem fora da escola porque incomodar-se em institucionalizá-la? Poderia ser dito que escolas e aulas de música podem exaurir da música sua vida e estraga-la para os alunos. Isto pode certamente acontecer a menos que os professores de música sejam realmente fiéis à música e a seus alunos. (SWANWICK, 1993, p.20).

Dentro de todos os estudos e pontos de vistas dos autores, suas citações e conceitos acima mencionados, o estudo e aprendizado formal e informal em um contexto geral, se baseiam em uma metodologia educacional aplicada dentro e fora do ambiente escolar. Não remetem ou afirmam qual metodologia surte mais efeito ou melhor resultado, mas as definem como seguimentos independentes em seu estudo e prática e como esses podem interagir entre si.

3. METODOLOGIA

3.1 Pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa se realiza através do contato direto do pesquisador com sua fonte a ser pesquisada, isso se dá através de dados descritivos sobre o tema em questão retratando a perspectiva do entrevistado. Essa pode ser realizada através de questionários onde o mesmo pode sofrer alterações no decorrer da entrevista.

“A pesquisa qualitativa não segue sequência tão rígida das etapas assinaladas para o seu desenvolvimento, as informações que se recolhem, são interpretadas e isto pode originar a exigência de novas buscas de dados” (TRIVIÑOS, 1987, p. 131).

A entrevista com Luciano

Esta pesquisa é um estudo qualitativo, pois teve como objetivo investigar como a prática musical informal de um aluno de violão se articula e se complementa com o ensino e prática formal de música. A pesquisa qualitativa, de acordo com Oliveira, (2005, apud RODRIGUES, 2007) é um processo de reflexão e análise da realidade, que visa compreender detalhadamente o objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação.

Inicialmente, foi feito o contato com uma escola de música da cidade de Anápolis-GO, através de telefonema e correio eletrônico para verificar a possibilidade de se efetuar a pesquisa. A direção dessa instituição se mostrou receptiva e amplamente disposta a colaborar com a presente pesquisa. Em um segundo momento, a proposta da pesquisa foi exposta ao professor de violão da escola, com o intuito de selecionar um aluno que se tornaria o sujeito deste estudo. Por fim, o aluno foi escolhido seguindo os seguintes critérios: ser um aluno de violão e estar matriculado nessa instituição de ensino por um período mínimo de oito meses, e possuidor de razoável conhecimento técnico e teórico pertinentes ao seu instrumento.

A partir da aceitação e aprovação prévia da pesquisa mediante autorização por meio da “Carta de cessão de direitos sobre entrevistas e depoimentos, imagens e áudio” foi agendada a entrevista a ser gravada. Ficou estabelecido e de comum acordo que seria mantido o total anonimato das fontes pesquisadas sendo estas identificadas por pseudônimos escolhidos pelos próprios participantes. Sendo assim a escola será identificada como Escola Mais Música e o aluno como Luciano.

Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada que consiste de um roteiro com perguntas específicas, previamente elaboradas, sobre um tema. O entrevistador não necessita se limitar a esse roteiro, tendo liberdade de acrescentar perguntas complementares, interagindo, assim com o entrevistado. Foi dessa forma que ocorreu a entrevista com o aluno de violão. O roteiro composto por 15 perguntas versou, principalmente, sobre aprendizagem formal e informal. De acordo com Triviños:

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, frutos de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

Neste sistema de pesquisa observa-se que não há neutralidade por parte do pesquisador, sendo que a isenção absoluta de sua interação é impraticável. O mesmo tem

como caráter principal em seu papel uma participação ativa, estando presente e interagindo quando possível e necessário, permitindo assim uma maior flexibilidade entre as partes envolvidas. Esta, ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação. (TRIVINÓS, 1987).

A entrevista foi realizada em dia e horário marcados entre as partes nas dependências da escola, tendo sido registrada por meio de gravador digital em arquivo formato MP3. Posteriormente, foi transcrita de forma literal e os dados foram organizados em categorias temáticas. Conforme Triviños (1987) “ainda que seja cansativa sua transcrição [entrevista], a gravação permite contar com todo o material fornecido pelo informante, o que não ocorre seguindo outro meio”. Para uma melhor organização a entrevista foi organizada em categorias. Sobre isto Triviños afirma que:

A categorização não reside em sistematizar os questionamentos que se façam ao informante, mas em abrir perspectivas para a análise e interpretação de suas ideias. Neste sentido, estas categorias de perguntas são, sobretudo, elementos heurísticos para o investigador e não amarras para entrar seu trabalho. (TRIVINÓS, 1987, p.151).

As categorias selecionadas foram: os primeiros contatos e influências, o estudo e a prática informal, o que tocar e como tocar, O estudo e a prática formal, a procura de um professor.

4. APRENDENDO A TOCAR VIOLÃO: A história de Luciano

4.1 Os primeiros contatos e influências

Luciano ressalta, no início da entrevista, as dificuldades encontradas nos seus primeiros contatos com o instrumento. Com cerca de dez, onze anos, ganhou um violão de seu pai: “meu pai me deu um violão mediano de aço que não era tão bom assim, e iniciar tocando com violão de aço é meio puxado”. Luciano percebeu e vivenciou as dificuldades na execução técnica do instrumento quando o denomina como um “violão mediano”, pois por ser um instrumento de baixo custo, é fabricado em série e apresenta limitações como a regulagem da altura das cordas. As cordas utilizadas são confeccionadas em aço e esse material proporciona uma tensão (elasticidade da corda) mais pesada, exigindo assim maior pressão dos dedos sobre as mesmas, e conseqüentemente, maior desgaste e cansaço físico por parte do executante. Nesse sentido, Luciano afirma: “por serem de aço [as cordas] meus dedos ficavam todos roxos, sofria pra começar a tocar”.

Por ser muito jovem Luciano não se interessava tanto em estudar como se pode perceber em suas palavras: “aí acabei largando, pegava no violão bem pouco, depois de um ou dois anos mais ou menos eu passei a querer tocar violão de novo, do nada senti vontade de pegar o violão”.

Nessa volta à prática do violão Luciano conta com a ajuda de um amigo, o baixista da sua igreja, Luciano teve aulas ministradas por esse colega por cerca de dois meses e, relata que foi influência em seu aprendizado musical, o baixista detinha um bom conhecimento teórico e um ótimo ouvido musical. Luciano descreve: “quando o via tocar na igreja, tipo assim, uma pessoa começava a cantar ele subia lá pegava o violão, o tom da pessoa e começava a tocar, a harmonia dele em si era excelente!”. Green (2010) se refere às orientações musicais dadas por um “professor informal”, como sendo o despreendimento dos conceitos formais do ensino musical, observação e distanciamento com o propósito de auxiliar os estudantes a alcançarem seus objetivos que estes mesmos traçaram, também retrata o aprendizado do próprio professor a partir de indagações de seus alunos.

Nesse contexto percebe-se três parâmetros semelhantes aos mencionados por Rodrigues (2007, p.33) na escolha do violão como instrumento para o início do aprendizado musical. Primeiro a socialização que se deu no ambiente da igreja, pois Luciano faz parte do grupo de louvor de sua igreja. A escuta e observação entre os participantes do grupo são componentes centrais da prática de aprendizado informal. As apresentações nos cultos também promovem trocas de conhecimentos entre os músicos envolvidos fazendo-os refletir sobre como se apresentam perante o público. O segundo parâmetro refere-se a pessoas próximas que, no caso do Luciano, foram o pai e o baixista da igreja. Green (2000, apud Rodrigues, 2007, p. 33) afirma que “embora experiências culturais anteriores por contato com outras pessoas sejam vitais, o progresso musical também recai no anseio de se tocar um instrumento e o quanto acessível esse instrumento está”. Por fim, a acessibilidade ao instrumento, neste caso quando o aluno menciona seu instrumento como um violão mediano [baixo custo].

4.2 O estudo e a prática informal

A questão da idade é novamente mencionada por Luciano, bem como a ansiedade pelo resultado final que seria tocar uma música. Estes foram fatores preponderantes para a sua

desmotivação em estudar violão. Ele declara: “fui parando aos poucos de ir às aulas, de vez em quando até pegava no violão só que como eu não sabia tocar música ainda, eu ia largando, ah! eu não dou conta e tal”. Aqui se revela o porquê de sua ansiedade, onde o mesmo afirma não estar motivado ao estudo do instrumento, sendo que seu maior interesse imediato seria executar uma música, este foi um dos motivos para a sua desistência momentânea ao estudo do violão.

Aos quinze anos voltou a tocar violão lembrando o que já tinha aprendido anteriormente e também com o auxílio de uma apostila de violão que ganhou de um amigo que desistira de estudá-la. A aquisição de um novo instrumento é mencionada por ele como um ganho positivo em sua trajetória: “me desfiz do violão [aquele com cordas de aço] e comprei outro melhor da Giannini. Nisso aí que eu embalei mesmo, aí, com o tempo eu fui aos poucos aperfeiçoando as notas que eu sabia e aprendi mais algumas e aí eu fui pegando gosto”. Nessa época Luciano espontaneamente procurava por conteúdos relacionados ao violão através da internet, principalmente por canais como: youtube, cifra club e Tv cifra. Pelo fato de estar aprendendo por esses meios de aprendizagem, Luciano não teve interesse no estudo e prática de técnicas pertinentes ao violão, buscando apenas tocar músicas que estavam relacionadas ao seu cotidiano musical.

4.3 O que tocar e como tocar

Através desses canais aprendeu variados ritmos e mais alguns novos acordes que eram empregados basicamente no estilo de músicas sertanejas. O aluno relacionava-as como um estilo mais fácil de executar por ser, na maioria das vezes, músicas que utilizam no máximo quatro acordes. Ele relatou: “Na apostila tinha apenas repertório pra você desenvolver a habilidade das notas, no começo tinha repertório com duas notas, com três, com quatro, aí você ia subindo até pegar as notas todas. Algumas músicas da apostila eram: Atirei o pau no gato, Ciranda cirandinha, era uma apostila de iniciante onde tinha a letra, os acordes em baixo e a cifra em cima, tudo ok. O ritmo eu ia na hora tentando executá-lo, depois eu deixei a apostila um pouco e fui tocando mais o sertanejo mesmo, eu desenvolvia mais isso, pois no início era mais complicado de trocar de uma nota para outra [acordes]. O que eu mais desenvolvi foi o ritmo e a troca de nota, agora técnica eu já não pegava muito não”. Dessa forma espontânea e informal tocou por um breve período, cerca de quatro meses no grupo de louvor da sua igreja e, por motivos de incompatibilidade de horário para os ensaios, acabou abandonando o grupo. Após esse período de afastamento, voltou a dedicar-se à prática do

violão por cerca de duas horas diárias, entre três a quatro dias na semana. Essa prática em termos de técnicas específicas do violão se restringia a exercícios de alongamento e aquecimento. Porém, dedicou-se a aprender novos acordes e músicas.

Apesar de toda a tecnologia e meios multimídia disponíveis como softwares, instrumentos e acessórios (metrônomo, bateria eletrônica, samplers, programas de auxílio à percepção musical), Luciano admite que, apesar de conhecê-los, não utilizou tais mecanismos para aprender a tocar. Usava e explorava apenas o seu instrumento, o violão.

Quando perguntado sobre o conteúdo didático encontrado na internet, Luciano admite ser uma ferramenta importante, pois tudo se encontra lá! Embora sem uma orientação de como utilizar esse material, confessou ficar perdido em meio a tantos assuntos abordados e exibidos na rede, assuntos aos quais não estava preparado ou que necessitavam de um conhecimento técnico-teórico que iam além de seus conhecimentos, “eu acabei pegando muito conteúdo avançado e você acaba embolando”. Declarou que essa falta de orientação acabava por se tornar uma bola de neve por não ter uma orientação de como estudar tais conteúdos.

Em seu depoimento sobre as limitações do aprendizado informal do violão, Luciano destaca que além da falta de orientação de como e o que estudar, sentiu a necessidade de um cronograma específico e gradativo de conteúdo, para um aproveitamento real e produtivo das atividades propostas, o que é enfatizado em suas palavras: “eu tenho que ter um rumo porque se não, não dá! Você quer abraçar tudo, só que você tem que fazer o “arroz com feijão” primeiro”.

4.4 A procura por um professor

Após esse período “tocando sozinho”, Luciano sente a necessidade de uma orientação específica e de maior abrangência no ensino e aprendizagem do violão. Relata a importância de um professor específico em seu instrumento e como as aulas são apresentadas, onde o conteúdo é exposto de forma cronológica seguindo uma metodologia gradativa, e sendo explicitado com detalhes pelo professor. “Com isso eu não me perco estudando coisas que ainda não seria capaz de entender sozinho”.

Quanto à escolha pela escola de música “Mais música”, essa se deu através da indicação de um amigo que já havia estudado nessa instituição de ensino musical, e a referendou como sendo uma ótima escola, com professores graduados na área, estrutura física,

suprimentos e equipamentos adequados em qualidade e números, utilizados para o bom desenvolvimento das aulas.

Pôde ser notado nos relatos do aluno, um maior prazer pelo estudo do violão após o egresso na escola de música, principalmente pelo fato de que agora Luciano deve apresentar todas as atividades exigidas pelo professor, seguindo, assim, o cronograma de estudos daquela semana. Assim cria-se uma via de mão dupla entre professor e estudante, onde o professor passa as orientações e conhecimentos, o aluno absorve, soluciona suas dúvidas e transforma tudo isso em música. “o professor não tem que ser um virtuose musical, porém será um crítico sensível” (Swanwick 2001, pg.29). As orientações de como estudar da forma correta também foram salientadas por Luciano, mesmo esse admitindo estudar uma hora a menos por motivos de trabalho, seu rendimento ainda assim é maior que anteriormente (sem a orientação formal). Há também outros fatores que contribuíram para esse prazer em estudar, como as ferramentas utilizadas pela escola no auxílio à aprendizagem do violão e já citadas anteriormente como: metrônomo, samplers etc. Luciano admite que apesar de conhecê-las, não as utilizava por não ter conhecimento operacional desses mecanismos, também relata que por não ter incentivo e esclarecimentos de um professor, tais recursos não despertava seu interesse em domina-los.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo, investigar e entender como os processos de estudo e prática informal, se justapõem ao estudo e prática formal do violão e como estes se complementam. A persistência na escolha do tema foi no sentido de obter esclarecimentos que possam ser agregados aos estudos e pesquisas já existentes, e auxiliando e complementando os vindouros, sobre as práticas e aprendizagem do violão no ambiente de ensino musical formal e fora dele. Dentro dos objetivos foram pesquisados elementos que fazem parte dos processos analisados: formal e informal, onde foi investigado a maneira como o aluno se comporta perante esses dois seguimentos, sendo que o mesmo passou por ambos os processos.

Entre os questionamentos que surgiram na elaboração desta pesquisa, e que contribuíram para a definição do proposto tema foram: no processo informal existe estudo ou apenas prática? Como o aluno os relaciona? A priori relaciona-se a palavra estudo com metodologia, sistematização, organização, com horários e regras específicas, que são características explícitas do sistema formal. De acordo com Green (2010) a prática musical já é um estudo, este pode não ser direcionado ou assistido, onde o aluno não recebe uma orientação específica de conceitos técnicos e teóricos de um professor especializado, contudo o ato de tocar uma simples composição com acordes básicos, requer um estudo desses acordes envolvidos, a troca desses acordes exige repetição e a repetição é uma forma de estudo (retenção do conhecimento).

Nas informações obtidas através da entrevista realizada, farei assim um breve relato sobre três fatores e procedimentos que levam uma pessoa a aprender a tocar violão.

A influência familiar que neste trabalho se revela através do pai do entrevistado que o presenteia com um violão.

O instrumento em si, que tem sua construção compacta facilitando seu manuseio e transporte, e por ser acústico não necessita de outros equipamentos como estabilizador de energia ou caixa de som para seu funcionamento, além de existirem no mercado variadas marcas e modelos com valores acessíveis ao estudante.

A socialização que o instrumento proporciona é outro fator para o seu aprendizado, pois reuniões familiares e pessoas próximas contribuem nesse processo. Nesta pesquisa o aluno informa sua participação no grupo de louvor da sua igreja em que teve a oportunidade

de se relacionar com os demais músicos, cantores e o próprio público que neste caso se traduz nos membros da igreja.

Os resultados dessa pesquisa revelaram como a música faz parte da vida cotidiana do entrevistado e o interesse dele em obter conhecimentos específicos, onde o mesmo relata uma evolução gradativa no seu aprendizado musical. Essa evolução se revelou através da complementação dos processos formais e informais. Sendo que a atividade extraescolar não foi menosprezada ou diminuída em relação aos processos escolares, o aluno trouxe consigo toda sua vivência e experiência musical cotidiana, e a agregou com o ensino e aprendizado tradicional.

A pesquisa revela através do aluno entrevistado sua transição do ensino informal para o formal ao qual Feichas (2007) define como ensino e aprendizagem mista, quais suas necessidades e motivações para essa busca, como a música é ensinada dentro da escola e a realidade fora dela, vantagens e desvantagens do aprendizado formal e informal foram pontos norteadores da pesquisa.

Outras pesquisas poderiam ser realizadas dando continuidade e expandindo o tema deste trabalho, promovendo assim novas discussões como, por exemplo: a escola como um espaço de intercâmbio de vivências entre o formal e informal; ferramentas facilitadoras no aprendizado do violão nesses dois processos; persistência e perseverança por parte do aluno dentro do ensino formal.

Concluindo, destaco também o quanto precisamos como educadores musicais, rever alguns conceitos relativos ao ensino e à aprendizagem de música, dentro e fora do ambiente escolar e, conseqüentemente, nossas práticas educativas. Assim procedendo, teremos músicos mais completos em sua formação técnico e teórica, dispondo de recursos que favoreçam suas habilidades, competências e criatividade, e que essas possam estar entrelaçadas e participativas, com a realidade vivenciada na música em nossa contemporaneidade.

6. REFERÊNCIAS

ARROYO, Margarete. *Educação Musical na Contemporaneidade*. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA DA UFG, 2, 2003. Goiás. *Anais...* p. 18-29.

FEICHAS, Heloisa. *Processos de Aprendizagem Formal e Informal na Universidade Brasileira*. UFMG, In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM E CONGRESSO REGIONAL DA ISME NA AMÉRICA LATINA, 16, 2007. p.1-8.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social. Meta: avaliação. Rio de Janeiro 2009 v.1 n. 1 pg. 28-43.

GREEN, L., & D'AMORE, A. *Informal Learning*. In: D'AMORE, A. (Ed.) *Musical Futures: an approach to teaching and learning*. 2. Ed. London: Paul Hamlyn Foundation, 2010. p. 130-170. Tradução: Flávia M. Narita.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

RODRIGUES, Fernando Macedo. Dissertação: *Tocar Violão: Um estudo qualitativo sobre os processos de aprendizagem dos participantes do Projeto Arena da Cultura*. Escola de Música Universidade Federal de Minas Gerais. Maio 2007.

SWANWICK, Keith. Permanecendo fiel à música na educação musical. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 2, 1993, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: ABEM, 1993. p. 19-32. Tradução: Diana Santiago.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas S.A, 1987.